

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO POR MEIO DAS CRÔNICAS¹

Maely Mendes da Rocha
Thayana Monteiro Lira de Lucena ¹

Resumo: Este trabalho objetiva discutir estratégias de desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva da leitura e da interpretação por meio do contato com o gênero crônica, em seus ambientes discursivos, por alunos da EJA. Espera-se que essa metodologia auxilie no desenvolvimento da capacidade de inserir-se linguisticamente e socialmente no âmbito da leitura. Para isso, esse artigo concebe suas ideias a partir das reflexões práticas e teóricas de Candido (2004), Sá (1985) e Kleiman (2006), entre outros. Fundamenta-se a relevância dessa pesquisa na escassez de trabalhos que se voltem para os estudantes do EJA e nos quais os docentes possam basear sua construção metodológica.

Palavras-chave: EJA; leitura; letramento.

Abstract: This article aims to discuss strategies for developing the critical and reflexive capacity of reading and interpretation through contact with the chronic genre, in its discursive environments, by EJA students. It is hoped that this methodology will help in the development of the capacity to insert oneself linguistically and socially within the scope of reading. For this, this article conceives its ideas from the practical and theoretical reflections of Candido (2004), Sá (1985) and Kleiman (2004), among others. The relevance of this research is based on the paucity of works that turn to EJA students and on which teachers can base their methodological construction.

Keywords: EJA; reading; literacy.

Introdução

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) tem sido um dos maiores desafios para os professores de língua portuguesa. Despertar o gosto pela leitura em cidadãos com uma longa história de vida e em jovens com pouca bagagem curricular é um desses desafios encontrados. Com relação a isso, surgem as perguntas: como melhor trabalhar literatura na EJA? Qual ou quais os melhores gêneros para introduzir a literatura nas fases e módulos da Educação de Jovens e Adultos? Antes de tudo, precisamos refletir sobre a leitura, o que ela realmente é e o seu propósito na educação, para termos uma visão mais ampla da importância do letramento literário. Mas, para implantação de qualquer

1 Graduanda do curso de letras Português – licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

projeto de letramento, é preciso conhecer o direito que todo cidadão tem como pessoa, o direito à educação. Também, é necessário conhecer quem é o público EJA, como ele é formado e quais seus principais interesses. Após isso, é preciso refletir sobre o papel do ensino literário para esse público. Antônio Candido (2004) considera a literatura como um direito que o ser humano precisa para melhor viver, acredita que a vida sem a fabulação seria impossível. Ele descreve sobre os bens que o ser humano precisa para suprir suas necessidades, estes chamados de bens incompressíveis, que são fundamentais para a existência humana, o que se configuram como um direito universal. Partindo disso, é mister entender que a importância da literatura na EJA dá-se primeiramente por ela ser um direito assim como é a educação. Vale salientar que numa época em que as pessoas têm menos tempo para ler, apresentar razões para que ela leia despertará o prazer pela leitura. O gênero crônico traz respostas para questões como esta: por que ler? A identificação do sujeito através desse gênero é o principal meio para formar leitores competentes, e essa identificação partirá das crônicas.

1. A LEITURA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

“O letramento está relacionado ao conjunto de práticas sociais orais e escritas de um povo, não se restringindo ao ambiente escolar” (SOARES, 2006). O termo advém da palavra inglesa *Literacy*, que se confere como “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (SOARES, 2006). De acordo com a autora, as práticas de leitura e escrita mudariam não apenas a condição linguística do falante, mas sua posição psíquica, social, política, econômica e cultural. A denominação Letramento como temos constituída hoje bebe nessas conceituações.

O letramento vem com o propósito de contrapor a ideia de analfabetismo, a saber, o ato de ler e escrever extrapola o nível de conhecimento do código linguístico e engloba o uso dessa tecnologia, pensando nos contextos, situações sócio comunicativas. Logo, os estudos e as análises textuais evoluíram da materialidade deste, tomando as diversas formas de adequação dele, levando em consideração condicionantes como: gênero textual, tipologia textual, interlocutores, subjetividade e objetivos/propósitos de fala/escrita.

Após a discussão sobre o conceito geral do que seria letramento, podemos focar no viés do letramento social que considera as condições ideológicas dos autores/leitores no momento da concretização da leitura, pensando nisso

A tendência tem sido no rumo de uma consideração mais ampla do letramento como uma prática social e numa perspectiva transcultural. Dentro dessa perspectiva, uma mudança importante foi a rejeição por vários autores da visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra”, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos. (STREET, 2014, p. 17)

De acordo com o que é dito por Street (2014), deve-se, então, considerar as condições de produção, de veiculação, de leitura, o contexto histórico e social no qual o autor e o leitor estão sincronicamente inseridos. Considerando o conceito de língua como interativa, logo, imbricada por questões sócio comunicativas e sócio interativas, abrimos um leque para o trabalho dinâmico com textos no que diz respeito a leitura deles. “A língua deve ser abordada como enunciação [...] não apenas como comunicação, que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto que é utilizada, [...]” (SOARES, 1998). Sendo assim, as leituras não seriam estáticas e universais, mas passeariam pela diversificação da subjetividade individual a cada sujeito inserido na atividade leitora.

Aliado a tudo isso estaria à disposição do leitor no que concerne ao seu contato com determinado gênero de leitura e a capacidade de reconhecê-lo como parte da sua vivência social. Caso isso não venha a ocorrer, essa leitura não teria o objetivo prático de inserir-se na realidade linguística do leitor. O letramento propõe, assim, uma atividade que esteja próxima as experiências do indivíduo, tornando-o capaz de ler o mundo que está imediatamente ao seu redor, imerso em relações de poder.

2. O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO BÁSICO

As pesquisas atuais sobre o panorama do Ensino de Língua Materna na Educação Básica revelam que, embora sejam claras as competências previstas para essa fase de formação escolar, em documentos como o PCN, poucas são as estratégias observadas para desvincular-se da postura conteudista e tradicional do ensino. Ao alcançar o Nível Médio da educação básica, é interessante que o aluno tenha desenvolvido algumas capacidades que lhe permitam ter conhecimento de diversos gêneros textuais e posicionar-se ideologicamente sobre os conteúdos inerentes a eles. Porém, apesar de a

leitura ser um ato que se realiza frequentemente fora da escola, os alunos não conseguem, muitas vezes, suprir a necessidade de compreender, interpretar e reter o conteúdo dos textos lidos. De acordo com Cintra (2011)

a leitura perde espaço para a imagem, o que leva algumas pessoas a tomar a leitura como algo supérfluo. [...] a preferência por cinema e televisão, em lugar do livro; a preferência pela música e pelo esporte, por serem prazeres compartilhados. [...] o que se vê é uma escola que, no seu conjunto, não se constitui em espaço de significação para o aluno. O aluno ainda não a reconhece como lazer, como possibilidade de alimentação da imaginação, menos ainda como lugar de produção de conhecimento [...](CINTRA, 2011, p. 199)

Esse contexto reflete a falta de preparo do conjunto escolar em lidar com esse eixo, não aplicando nos seus métodos de ensino a real funcionalidade dessa atividade, não desenvolvendo nos alunos a habilidade que eles já possuíam de ler o mundo através das várias interpretações obtidas dos textos.

A leitura proposta pelo viés do Letramento é a tomada como prática social, específica de uma comunidade, a qual tem sua leitura interpelada pelo seu contexto social, ou seja, as múltiplas e heterogêneas funções da leitura estão relacionadas aos contextos de ação desses sujeitos (KLEIMAN, 2006). A partir dessa reflexão compreende-se a importância de tomar o sujeito leitor pela sua completude e levar em consideração a aplicação da sua bagagem cultural no momento da leitura, possibilitando que ele tenha contato com algo que está na vivência dele, o qual ele pode se identificar e reconhecer em sua trajetória linguística.

No entanto, o quadro que se tem hoje na Educação Básica é a leitura relegada a segundo plano, tida como perda de tempo na “aula de português” ou como uma atividade alheia a essa disciplina. Essa prática perde completamente seu valor funcional, sua complexidade. Esse ambiente concorre para jovens que não alimentam o hábito de ler, que muitas vezes detestam praticar essa atividade. Essa construção é resultado de anos de imposição das leituras consideradas “válidas” pela escola, relegando as que estivessem mais próximas ao contexto social, político e cultural do aluno, criando a falsa ideia de que apenas os textos lidos na escola são realmente importantes. Desconsidera-se a leitura social e funcional de gêneros em contato direto e constante com esses jovens.

Essa prática constitui-se de um caráter mecanizado, tida apenas como um processo de decodificação de um código linguístico, o que não pressupõe os possíveis ruídos na interpretação e muito menos a mobilização da subjetividade do autor/leitor. Assim, não pensa num autor, nem num contexto, muito menos leva em conta o não-dito, compreendido através do contexto. Apenas é considerado a materialidade, o que compõe o contexto.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O artigo 208 da Constituição Federal do Brasil de 1988 assegura a educação como o direito de todos, isso inclui não apenas crianças de 4 anos de idade a adolescentes de 17 anos de idade, a Constituição garante o direito a todos. Firmado nessa possibilidade e na realidade do país, há um público que busca a capacitação para o mercado de trabalho e outro que procura uma realização pessoal, a de terminar a educação básica. O compromisso que a sociedade assume em estabelecer o direito a todos, a contribuição para a igualdade de oportunidades, a inclusão e a justiça social, vê na educação de jovens e adultos o pagamento de uma dívida social e atenção ao o artigo 205 incorporado à Constituição que visa o desenvolvimento integral do sujeito e a sua qualificação ao mercado de trabalho.

No Estado de Pernambuco, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) escolarizada é ofertada pelas escolas da rede municipal e da rede estadual. Divide-se em fases e módulos, sendo as fases I e II ofertadas pela rede municipal, e na sua ausência, a rede estadual pode ofertar. As fases I e II estão relacionadas ao ensino fundamental I, os anos finais. As fases III e IV correspondem ao ensino fundamental II, anos finais. O aluno cursa o 6º no primeiro trimestre que foi matriculado, e o 7º ano no segundo trimestre, anos correspondente a fase III. Os dois últimos anos, que também serão cursados no período de seis meses, estão relacionados a fase II. O ensino médio é dividido pelos módulos I, II, III, todos com duração semestral.

Os conteúdos tratados em sala de aula volta-se prioritariamente para uma educação centrada no trabalho, é assim que alguns temas são tratados no livro didático. É o exemplo do livro do 9º ano, fase IV, a parte voltada a língua portuguesa desenvolve os gêneros textuais e o todo o assunto das unidades com os temas : Trabalho e Desenvolvimento e sustentabilidade.

A EJA ainda precisa, como toda a educação base, de mais recursos para desenvolver

seu papel com excelência. Comparada ao ensino regular, existem muitas lacunas que precisam ser obstruídas, principalmente no campo de literatura. A ausência de melhores investimento para a pessoa que se encontra fora de faixa é um dos temas que precisa ser debatido e resolvida a sua problemática.

4. LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A abordagem literária nos parâmetros curriculares de língua portuguesa na EJA procura a proficiência da leitura. Tem como justificativa introduzir os textos literários para que os alunos se tornem leitores competentes. O aluno torna-se um leitor literário porque descobre o prazer de ler através desses textos. A proficiência vem devido ao nível crítico de leitura que o aluno irá se submeter, pois tratando-se de um texto literário, com a mediação do professor com diferentes tipos de gêneros, é possível que o aluno se torne um leitor competente. Fala-se de competência a leitura que não é apenas decodificar o texto, ou seja, atribuir sons para cada palavra, mas a interpretação do que é lido fazendo o aluno enxergar o mundo através disso.

Como o acesso a esses bens é, muitas vezes, limitado, o aluno não tem acesso a muitos gêneros literários no seu cotidiano, principalmente para o público EJA, que possui uma realidade diferente dos alunos da educação normal, o tempo para a leitura é bem mais curto durante a sua jornada do dia-a-dia. Logo, os alunos têm na escola o melhor lugar para essa apropriação, para o envolvimento com o universo literário.

Entretanto, em nossa sociedade, o acesso aos bens culturais não é igualmente distribuído pela população, razão pela qual muitos dos estudantes travam seus contatos mais sistemáticos com textos literários apenas quando ingressam no ambiente escolar. Daí a importância de que a escola invista, desde o início da escolarização, na formação do leitor literário, de modo a desenvolver sua capacidade de apreciação do texto, considerado em sua dimensão estética (PERNAMBUCO, 2012 p 52).

Porém, para que a meta de tornar os alunos leitores proficientes seja alcançada é preciso assegurar, inicialmente, o direito à literatura. O aluno precisa entender a importância do seu ensino, para que ela tenha um papel diferente na sua jornada como estudante. Entender que a literatura é um direito é importante para que o aluno possa valorizar a disciplina ao notar que ela faz parte de si, da sua identidade como humano.

Antônio Candido (2004) discute sobre como a literatura faz parte do homem manifestando-se de uma forma diferente, assim, compreende-se a sua necessidade.

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas dos dias sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade... Ora, se ninguém passa vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CANDIDO, 2004; p. 174,175).

Compreende-se que é preciso ter uma resposta aos alunos para justificar o porquê de ler literatura, ou seja, o que isso faria de acréscimo ao aluno EJA que procura recuperar o tempo que passou e principalmente concluir os estudos. A questão de responder o porquê de ler literatura vem sendo discutido sempre, principalmente numa época em que as pessoas têm menos tempo para a leitura:

Em tempos em que se lê cada vez menos, senhores e senhoras distintos, professores e estudantes esperavam ansiosos pela resposta à questão-título, capaz de justificar o tempo gasto com um livro uma escolha profissional ou até mesmo uma paixão (BRANDINI, 2009; p.9).

O público EJA é formado por pessoas que geralmente tem muitas ocupações no seu dia a dia. A maioria parou os estudos justamente por conta dessas ocupações. Justificar o tempo gasto em leitura é de fato fundamental para esse público.

A justificativa vem quando é possível relacionar o sujeito com o texto, quando o aluno passa a identificar-se, ou seja, o aluno precisa compreender que o texto fala dele, fala da sua história, fala da sua vida. Por isso, é um direito, pois está relacionado à própria identidade do humano, do aluno.

5. AS CRÔNICAS E A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

O trabalho com os gêneros proporciona um melhor desenvolvimento para o estudante, concernente a proficiência da leitura. O letramento literário não consiste apenas em uma única materialização do texto, mas que o aluno possa reconhecer diferentes formas de expressar a literatura. Assim, o trabalho deve ser voltado para diferentes gêneros:

poemas, contos, fábulas e crônicas... estes devem estar presentes para proporcionar uma formação integral do aluno. Porém, para o início de jornada de letramento literário, o gênero crônico torna-se essencial.

Com base na relação que o aluno precisa manter com o texto, uma relação de identidade; e com base no público que a EJA é formado, entende-se que um gênero que trate do dia a dia de forma artística é o mais viável para introduzir a literatura no ensino de jovens e adultos. A crônica pode facilitar o interesse pela leitura, isso porque ela trata do cotidiano, o que leva o aluno a uma reflexão, despertando, assim, o gosto pela leitura.

O texto precisa fazer sentido para o leitor, porém um sentido que proporcione um despertamento para ler textos literários, para que o aluno encontre logo uma resposta para a pergunta: literatura para quê?

A proposta para que a crônica seja introduzida como uma base para um impulso vem porque a estrutura de tal gênero, seu material, ou seja, o seu tema é o cotidiano e as relações humanas (MARTINS, 2010). Torna-se mais fácil a identificação com um texto que tenha elementos comuns a todos, que fale das pessoas que estão em nossa volta, que o aluno possa se ver na medida que vê os outros, isso narrado de uma forma mais direta, mais simples devido a estrutura desse gênero, que consiste em textos curtos. A maioria dos alunos não está acostumada com leituras longas, com narrativas mais complexas, então iniciando com a crônica o trabalho de letramento será uma base para seguir para outros gêneros, quando despertado, inicialmente, o gosto pela leitura ao encontrar um motivo para ler: aprender sobre si e sobre o próximo.

A facilidade para leitura encontrada na crônica não se dá apenas por falar do cotidiano, mas como esse cotidiano é falado, a maneira artística que é usada para refletir sobre o dia a dia. Candido (1992) atribui as crônicas características que supre a necessidade de um texto literário nas escolas: “ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor” (p.14). É, sem dúvida, um texto que será bem recebido no público EJA por suas características singulares.

Mas como podemos trabalhar fazendo o sujeito identificar-se na crônica? E será que realmente a crônica possibilita essa identificação? Jorge de Sá (1998) comenta sobre como ela desenvolve esse papel humanizador:

a vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para fora de nós mesmos, descobrindo a beleza do outro, ainda que expressa de forma simplória, quase ingênua, mas sempre numa dimensão que ultrapassa os limites do egocentrismo. Assim, quando o cronista fala de si mesmo – como vimos em Rubem Braga –, é a vida que está sendo focalizada por uma câmara disposta a alcançar um amplo raio de ação (Sá 1985, p 22).

A noção de texto como evento comunicativo fruto da ação/interação social propõe um trabalho com uma leitura funcional, situada e crítica. O trabalho com os gêneros textuais que incitam a reflexão permite o desenvolvimento da dimensão intersubjetiva nos alunos, quando exige um envolvimento do sujeito com o ambiente social no qual está inserido o texto e o enunciador, uma mobilização de conhecimentos de mundo e o confronto com as suas posições ideológicas, sociais e culturais. Dessa maneira, ao analisar um texto é importante que se observe as perspectivas do discurso, bem como os valores sociais que permeiam a construção de sentido em um determinado texto, uma vez que, os sentidos são construídos socialmente.

No trabalho com a crônica será pensado a sua composicionalidade, contextos temáticos e aspectos estilísticos, que concorrem para a interpretação do texto, valendo-se da característica interacional da língua. É pensado esses textos específicos também pelo seu caráter funcional, estando presente continuamente no dia a dia do aluno e que exige deles habilidades extralinguísticas, que ultrapassam o ensino das estruturas.

É importante que seja considerada a vivência dos alunos, pois o trabalho de identificação só é possível quando o aluno apresenta o seu próprio conhecimento, quando o aluno passa a interagir com o texto.

Um exemplo de como a crônica pode ser trabalhada, partindo do texto O melhor amigo, de Fernando Sabino (anexo), é propor ao aluno uma leitura pensante, ou seja, discutir o sentido do texto através de uma interação. Os alunos devem ser questionados quanto ao tema, precisam identificar sobre o que o texto se trata, porém isso precisa ser gradualmente:

1. O texto conta a história de quem?
2. Por que recebe esse título?
3. Em todo o texto é possível perceber que há uma relação de melhor amigo?

O papel do professor não é passar as respostas para os alunos, mas construí-las com os alunos. Com essas três perguntas, dá-se o início da descoberta do tema. O professor

precisa continuar com a interação para que haja o processo de identificação dos alunos com a crônica. E isso é possível quando os efeitos de sentido são percebidos:

4. O final da história está de acordo com o título dado pelo autor? Por quê?
5. Qual a lição que o autor quer passar quanto a amizade?
6. Qual a relação do tema com o título?

É possível que os alunos já tenham se identificado no texto com alguns dos personagens, porém para reforçar essa identificação e refletir sobre ela, os alunos precisam perceber que a crônica está falando do cotidiano, isto é, perceber sua principal característica:

7. O comportamento da mãe do menino é comum alguém que vocês conhecem? Quem?

Provavelmente, como a crônica está revelando uma característica comum a muitas mães, pode ser que muitas alunas se identifiquem com a personagem ou até mesmo os próprios alunos atribuam às suas próprias mães, ou a alguém que conheçam.

Quando o aluno passa a perceber que o comportamento humano é descrito na literatura, que aquele texto fala de si, fala de sua relação com o próximo, isso culminará nos primeiros traços de prazer pela leitura. Porém, a identificação não é completa quando o aluno não pensa criticamente sobre ela. O comportamento da mãe pode ser comum, assim como o comportamento do menino em ter vendido o cão revelando a fragilidade fraternal. Levar a turma a refletir que também somos aquele menino, somos o personagem com suas falhas, ou até mesmo, a mãe com a sua insegurança causada pela ingenuidade que temos das pessoas, isso, quando o tema já é entendido, despertará uma análise crítica dos textos literários. Pela capacidade que a crônica tem de andar sobre os tipos de textos, o professor ganha um maior suporte para continuar o trabalho de letramento com diversos gêneros.

6. CONCLUSÃO

Diante dos pontos discutidos, atesta-se a importância de pensar formas de burlar o tradicionalismo do ensino e trazer à sala de aula, especificamente do EJA, métodos inovadores com valores efetivos e eficazes no ensino-aprendizagem dos alunos. Esse pensamento incentiva o trabalho dos professores sobre o desenvolvimento não da habilidade sobre o código linguístico, mas sobre as práticas de leituras – no plural, já que se considera que são múltiplas e heterogêneas -. Deve-se refletir a construção do

leitor ativo, que compreende o código e as interferências ideológicas que perpassam o sentido de um determinado enunciado/texto.

Acredita-se, a partir desse trabalho, na eficácia do trabalho com gêneros textuais, especificamente o gênero crônico, analisando como a construção de sentido delas reflete o funcionamento social no qual o aluno está inserido. Considerando que elas auxiliariam na produção didático-pedagógica do professor da EJA, que já tem como barreiras a escassez de pesquisas acadêmicas que se voltem para suas práticas. A identificação do sujeito por meio do gênero crônica é um caminho eficaz para o professor de língua portuguesa que deseja desenvolver no seu aluno o prazer pela leitura.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMPAGNON, Antoine, 1950. **Literatura para quê?**; tradução de Laura Taddei Brandini. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio, **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul; 2004.
- CINTRA, Ana Maria. Leitura na escola: uma experiência, algumas reflexões. In: REIS, A.; DIAS, A. **Ensino de língua Portuguesa oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: contexto, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 208 p.
- KLEIMAN, A. B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: BOCH, F.; CORRÊA, M. L. G. **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- MARTINS, Priscila Rosa, **Revistando a crônica brasileira, a condição do cronista**, Estação Literária, Londrina, Vagão-volume 6, p. 107-114, dez. 2010 ISSN 1983-1048 - Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL>; acesso em julho de 2019
- PERNAMBUCO; **Parâmetros Curriculares Para a Educação Básica de língua Portuguesa para a Educação de Jovens e Adultos**; Governo do Estado de Pernambuco, 2012.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.
- SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANEXO

O Melhor Amigo - Fernando Sabino

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou ela.

– O que é – respondeu, com o ar mais natural que lhe foi possível.

– Que é que você está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ainda ganhar tempo.

– Eu? Nada...

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar como vê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.

– Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah, mamãe... – já comendo uma cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado:

A gente também não tem nenhum direito nesta casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do quarto, e ficou

esperando a reação da mãe.

– Dez minutos – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.

– Você não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não

faço mais nada.

– Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a sua costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração!

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não haveria apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois... ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: – Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

– E eu? Que bobagem é essa, você não tem sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa

– Pronto, mamãe!

E exibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava murmurou, pensativo.